



## “Brilhou o quinto sol”: um olhar historiográfico para as questões mesoamericanas no enredo da G.R.E.S.U. do Viradouro em 2010

*“The Fifth Sun shine”: a historiographical look to mesoamerican issues in G.R.E.S.U. Viradouro theme in 2010*

*“El quinto sol brilló”: una mirada historiográfica a la problemática mesoamericana en el tema de la G.R.E.S.U. de Viradouro en 2010*

*Alessandro Wagner R. Possati<sup>1</sup>*

**Resumo:** Discutiremos o desfile da G.R.E.S. Unidos do Viradouro, agremiação carnavalesca de Niterói, no Grupo Especial em 2010, que teve o México como enredo. Pretendemos observar principalmente as questões sobre os povos mesoamericanos, suas interpretações e representações. Para isso, consideramos que ocorre no certame carnavalesco uma hibridação cultural - tal qual trabalhada na obra de Canclini, onde narrativas historiográficas são postas em choque com uma perspectiva própria, construída pelos enredistas da agremiação, processo que chamamos de “carnavalização”. Portanto, tencionamos elucidar as possibilidades de apropriação e questionamentos na História ao utilizarmos o material constituído para o cortejo da escola vermelha e branca.

**Palavras-Chave:** Viradouro, Carnaval, Mesoamérica.

**Abstract:** We will discuss the parade of G.R.E.S. Unidos do Viradouro, from Niterói, in the Special Group of Rio Carnival in 2010, which had Mexico as its theme. We intend to observe mainly the questions about the Mesoamerican peoples, their interpretations and representations. For this, we consider that what Canclini calls cultural hybridization, occurs in the carnival competition, where historiographical narratives are put in conflict with the perspectives built by the samba school's plotters, a process we call "carnivalization". Therefore, we intend to elucidate the possibilities of appropriation and questioning in History when using the material constituted for the parade of the red and white samba school.

**Keywords:** Viradouro, Carnival, Mesoamerica.

**Resumen:** Discutiremos el desfile de G.R.E.S. Unidos do Viradouro, grupo carnavalesco de Niterói, en el Grupo Especial de 2010, que tuvo como tema México. Pretendemos observar principalmente las ideas presentadas sobre los pueblos mesoamericanos, sus interpretaciones

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: al.possati@gmail.com

y representaciones. Para eso, consideramos que lo que Canclini llama hibridación cultural, ocurre en la competencia carnalera, donde las narrativas historiográficas se ponen en conflicto con la perspectiva construida por los narradores de la escuela de samba, proceso que denominamos “carnavalización”. Por lo tanto, pretendemos dilucidar las posibilidades de apropiación y cuestionamiento en la Historia al utilizar el material constituido para la procesión de la escuela rojiblanca.

**Palabras Clave:** Viradouro, Carnaval, Mesoamérica

\*\*\*

## Introdução

Em 2010 a G.R.E.S. Unidos do Viradouro, de Niterói, desfilou na Marquês de Sapucaí o enredo “*México: O Paraíso das Cores, sob o Signo do Sol*” dos carnavalescos Júnior Schall e Edson Pereira. A agremiação foi a quarta escola a desfilar no primeiro dia de disputa do Grupo Especial<sup>2</sup> daquele ano e acabou sendo rebaixada na apuração da quarta-feira de cinzas depois de vinte anos seguidos na elite do carnaval. Aqui, buscamos analisar as representações de povos mesoamericanos no determinado desfile da agremiação niteroiense. Ao atentar para as maneiras como uma escola de samba repensa o passado, levando em conta o fenômeno específico da “carnavalização” de eventos históricos, intentamos compreender os efeitos dessas apropriações do passado mesoamericano.

O enredo passa por diversos momentos históricos da nação mexicana de forma generalizante, estabelecendo a presença dos povos originários como um início descritivo e cronológico para a narrativa carnavalesca. No caso específico, a Unidos do Viradouro apresentou em seu desfile uma série de representações sobre o México indo de ocorridos pré-coloniais até fazer referência a figuras políticas do século XX. Essa mescla é um ponto comum visto o ambiente e a habitual distorção de narrativas carnavalescas em relação às pretensões encontradas em textos historiográficos.

Festas populares como o desfile das escolas no Rio de Janeiro são o momento culminante de uma indústria que tem entre outros pontos essenciais a criatividade e a relação com os saberes acadêmicos, ainda que sua raiz seja necessariamente ancorada em conhecimentos populares. O próprio nome “escola de samba” é uma referência a possibilidade

---

<sup>2</sup> O grupo especial é o nome da elite das agremiações do carnaval do Rio de Janeiro desde o ano de 1985. No ano em questão, haviam 12 escolas desfilando na divisão, seis no domingo (entre elas a Viradouro) e seis na segunda-feira.

de construção de saberes por comunidades de sambistas historicamente marginalizados na sociabilidade carioca e nacional.<sup>3</sup> São vários os exemplos de desfiles referentes a acontecimentos políticos e sociais que demarcam a voz de classes populares, servindo como ampliação dos protestos e vontades de grupos subalternos.<sup>4</sup>

Em um desfile é necessário levar em conta que a narrativa histórica convive com uma forma específica de produção do imaginário resultando em um fenômeno chamado “carnavalização” Essa perspectiva é a da criação de uma realidade específica apresentada pelas escolas, onde a historicidade é a base, mas não é precisamente respeitada. O que se espera de um desfile carnavalizado é que ele consiga estabelecer uma conexão entre o enredo proposto, que geralmente homenageia, sintetiza ou faz referência a algo estabelecido na realidade cotidiana, no entanto, sendo conciso e tendo compromisso naquilo que apresenta no momento do cortejo carnavalesco. Portanto, se o México é o tema, não podem ser aceitas simples imagens de indígenas no momento da produção de uma fantasia ou alegoria, mas sim versões carnavalizadas e reimaginadas. Ao mesmo tempo, uma fuga total das bases históricas pode causar confusão para a “leitura” do desfile por parte dos espectadores e no caso da disputa algo ainda pior, uma incompreensão por parte dos jurados.

O fenômeno aqui chamado de carnavalização é o que explica quando há uma justificativa dos jurados por conta da falta de contexto de alguma alegoria ou má interpretação de ideias apresentadas no enredo no sentido estético apresentado a partir do desfile. É o que pode-se observar na justificativa do jurado Flávio Freire Xavier para a Viradouro em 2010: “O eixo narrativo tratou apenas de uma simples perspectiva histórico-geográfica. Sendo assim, tornando-se limitada sua leitura plástica”<sup>5</sup>. Assim sendo, o mesmo questiona a falta de criatividade carnavalesca dos responsáveis pela plasticidade artística da agremiação.

---

<sup>3</sup> “Mais que a música, no caso do samba, havia um espetáculo na cena mais intensamente pública da cidade. Talvez, mais do que em qualquer outra situação, aqui resida a possibilidade de se compreender a perplexidade provocada quando se tenta entender, mesmo ainda hoje, como um tipo de espetáculo produzido por negros e mestiços do Rio de Janeiro, habitantes dos subúrbios, favelas e bairros populares, pode ser tão rápido e eficaz na conquista da hegemonia cultural da cidade.” NÓBREGA, Nelson F. **Escolas de Samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. p. 48.

<sup>4</sup> Exemplificamos aqui o desfile da G.R.E.S.E.P. Mangueira em 2019, cheia de referências ao momento político nacional, com reafirmações de questionamentos à chamada história oficial brasileira. Em 1989 a G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis com seu enredo “Ratos e urubus larguem a minha fantasia” do carnavalesco Joãozinho Trinta questionou desigualdades sociais intrínsecas a sociedade brasileira por meio da exaltação do luxo presente no lixo. Ver ALMEIDA JESUS, A. C. Carnaval e “a história que a história não conta”: uma análise dos sambas de enredo. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 153-192. mar/2020.

<sup>5</sup> LIESA, Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/justificativa-dos-jurados.html>> Acesso em: 25/08/2022.

Como exemplo de uma visão carnavalizada para o passado dos ameríndios mexicanos podemos citar o desfile da G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis em 1986, quando ao desfilar o enredo “*O mundo é uma bola*” lembrou que entre os astecas havia a prática de jogos com bolas de borracha. Aqui notamos a leitura simples esperada dos desfiles, visto que, o carnavalesco aposta em um carro dourado fazendo referência a abundância do elemento na civilização encontrada pelos europeus, além de uma águia que é o animal nacional do México onde no mesmo ano de 1986 seria disputada a Copa do Mundo de futebol.<sup>6</sup>

**Imagem 1: Carro dos Astecas - Desfile da G.R.E.S. Beija Flor em 1986.**



MELLO, Marcelo de. Perdeu o título, ganhou a história: a visão dos derrotados. <<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/perdeu-titulo-ganhou-historia-18454713#ixzz6KoCRbf4V>> O Globo, 29/01/2016. Foto de Otávio Magalhães, agência O Globo.

Naquela ocasião, Joãozinho Trinta, carnavalesco da agremiação, tinha a história do futebol como enredo e para possibilitar um desfile mais plural apostou em uma viagem por jogos antigos que usavam bolas e pés. O argumento narrativo era justificado no verso do samba “é milenar a invenção do futebol”, posicionando outras práticas no mesmo patamar que o esporte inventado pelos britânicos. A perspectiva proposta por Trinta é singular no sentido de carnavalizar um enredo, visto que a abordagem que conecta o futebol aos outros jogos apresentados é apenas o fato de os mesmos serem disputados com o uso de bolas em campos e equipes (essas características nem sempre estão juntas).

<sup>6</sup> A carnavalização dos indígenas astecas no desfile da escola nilopolitana se faz possível por diversos fatores. A copa do mundo seria disputada no México, além disso a bola oficial do campeonato e o estádio sede da final tinham o mesmo nome, referência direta ao povo mesoamericano que habitou a região central do país: Azteca.

No quesito enredo julgam-se com base nos elementos descritos pela escola em um documento chamado livro abre-alas,<sup>7</sup> a apresentação da agremiação e a carnavalização do enredo proposto. Nesse livro estão a ficha técnica; onde basicamente consta a bibliografia consultada, o histórico do enredo, onde são apresentadas as bases históricas e a justificativa do mesmo como uma forma de garantir que existe uma lógica na adaptação para o carnaval. A sinopse, geralmente utilizada como ponto de partida para a escrita do samba-enredo, não aparece no livro apesar de termos acesso aos nomes dos autores. A Unidos do Viradouro apresentou na ficha técnica do samba-enredo uma defesa para a letra do samba, o que não é obrigatório, mas auxilia no julgamento, e pode ser utilizada por nós para entender as escolhas dos carnavalescos. Além disso, existem textos que justificam e explicam o que as alas e as alegorias representam. Entre outras questões, são avaliadas a possibilidade de uma leitura simples do tema, a forma como ele foi trabalhado, a utilização de materiais que façam sentido e o conjunto lógico entre todos os elementos. Cabe lembrar que a escola niteroiense não obteve nenhuma nota 10 no julgamento do mesmo em 2010.<sup>8</sup>

Nesse ínterim são utilizados para a construção enredista as fantasias e alegorias, comumente chamados de "quesitos estéticos". Apesar de terem uma avaliação específica, esses detalhes artísticos são julgados de forma marginal como pontos de afirmação da narrativa que a agremiação pretende apresentar no enredo. No caso da Viradouro, a proposta seria abranger toda a história do México, considerando os povos pré-colombianos da região como parte desse processo. Ao visualizar o desfile da Viradouro, lidamos com camadas de olhares sobre os povos ameríndios e dessas sobreposições queremos elucidar as possibilidades de entendimento sobre essas populações e as intencionalidades dos usos de determinados atributos.

---

<sup>7</sup> “São publicados dois volumes por ano, um para cada dia de desfile. A forma-padrão de apresentação inclui: 1 – Ficha Técnica do Enredo (onde constam autores e bibliografia); 2 – Histórico do Enredo; 3 – Justificativa do Enredo; 4 – Roteiro de Desfile; 5 – Ficha Técnica das Alegorias; 6 – Ficha Técnica das Fantasias; 7 – Ficha Técnica do Samba-enredo; 8 – Ficha Técnica da Bateria; 9 – Ficha Técnica da Harmonia; 10 – Ficha Técnica da Evolução; 11 – Ficha Técnica do Conjunto; 12 – Ficha Técnica da Comissão de Frente; 13 – Ficha Técnica do Mestre-Sala e Porta-Bandeira (LIESA, 2005).” ALMEIDA JESUS, A. C. **op. cit.** p. 125.

<sup>8</sup> As cinco notas no quesito foram: 9,5 de Johnny Soares; 9,6 de Mariza Maline; 9,6 de Pérsio Gomyde Brasil; 9,7 de Flávio Freire Xavier; e 9,8 de Elizeu de Miranda Corrêa, sendo a maior e a menor descartadas. Cabe ressaltar a dificuldade do julgamento, sendo que entre as 12 disputantes apenas a Acadêmicos do Grande Rio teve 5 notas 10. A Viradouro foi a única escola a não conseguir nota máxima.

## As representações e a hibridação cultural

Entendemos que o desfile da Viradouro, assim como outros centrados em narrativas de base histórica, partem de representações sobre uma determinada visão do passado, a partir do momento em que se apropriam desses discursos e concepções de mundo para construir algo novo. Para o autor Roger Chartier, são duas as formas de representar, aquelas que substituem algo ausente e as que constroem relações simbólicas. Nos desfiles carnavalescos, a segunda forma é a mais comum por conta da apropriação de elementos do passado, principalmente em carros alegóricos.<sup>9</sup> É essencial ter em conta a importância dos elementos de representação durante um desfile, visto que os carros alegóricos constituem um conjunto de metáforas artísticas que estabelecem pontos centralizadores na narrativa pressuposta pelo enredo.

No caso do desfile da Unidos do Viradouro em específico, os carros alegóricos são utilizados como pontos culminantes de setores do desfile, uma forma estilística de promover a história contada no enredo onde esses elementos atuam como pontos conectivos.<sup>10</sup> As grandes alegorias são de fato um dos pontos mais aguardados em qualquer desfile, no ano de 2010 em específico a regra permitia um número considerado alto: 8.<sup>11</sup> No ano de 2022, o regulamento permitia um número entre 4 e 6.<sup>12</sup> A ideia é que a redução permita que as agremiações façam escolhas mais direcionadas e usem os recursos limitados de maneira mais direta, evitando uma quantidade exacerbada e que não seja esteticamente aceitável, visto as dificuldades financeiras recentes por conta da pandemia de covid-19.

---

<sup>9</sup> “As definições antigas do termo [...] manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representá-lo como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém.” CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 2ª edição, 2002.. p. 20.

<sup>10</sup> Carros alegóricos são um elemento comum e essencial nos desfiles atuais das escolas de samba, tendo entrado no contexto dos desfiles como uma herança dos desfiles de ranchos e grandes sociedades do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX. As alegorias encontradas no país remontam a do tenente agregado Antônio Francisco Soares que, em 1786, construiu 5 deles em homenagem pelo casamento do príncipe D. João com Carlota Joaquina. Ver NÓBREGA, Nelson F. **op. cit.** p. 40.

<sup>11</sup> “Desfilar com o limite mínimo de 05 (cinco) e até o máximo de 08 (oito) Alegorias, entendendo-se, como tal, qualquer estrutura que contenha rodas em contato direto com o solo da Pista de Desfiles, com exceção dos elementos cenográficos que vierem na Comissão de Frente [...]” REGULAMENTO específico dos desfiles da escola de samba do grupo especial da LIESA. Carnaval de 2010. Título II: Das obrigações das escolas de samba e demais recomendações. Artigo 26, Inciso VII. p. 8. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/>>. Acesso em: 26/08/2022.

<sup>12</sup> “Desfilar com o limite mínimo de 04 (quatro) e o máximo de 06 (seis) Alegorias, entendendo-se, como tal, qualquer estrutura que contenha rodas em contato direto com o solo da Pista de Desfiles, sendo permitido acoplagem de carros alegóricos apenas em 01 (uma) das Alegorias.” REGULAMENTO específico dos desfiles da escola de samba do grupo especial da LIESA. Carnaval de 2022. Título II: Das obrigações das escolas de samba e demais recomendações. Artigo Artigo 26, Inciso VII. p. 9. Disponível em: <<https://liesa.globo.com/downloads/carnaval/regulamento-2022/>>. Acesso em: 26/08/2022.

Historicamente, o continente americano é espaço para processos de recriação e reinterpretção de ideias pertencentes a diversas populações que aqui habitam ou habitaram. Durante muito tempo, pesquisadores tentaram estabelecer um conceito que pudesse dar conta dos choques culturais decorridos da colonização. Desde a mestiçagem, ocorrida de maneira violenta e sob uma empresa colonial europeia, até ao que Nestor Canclini chama de hibridação cultural: “Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”<sup>13</sup> Essas propostas buscam dar conta de explicar uma realidade cultural específica que forma identidades fronteiriças, portanto, entendemos que a hibridação postulada por Canclini seja ideal para observar a competição carnavalesca, principalmente por conta do esforço do autor em compreender os fenômenos culturais latino-americanos.

Partindo do pressuposto de que a obra carnavalizada tem intenções ligadas diretamente ao essencial do desfile, que se caracteriza por ser uma disputa narrativa e artística na Sapucaí a fim de estabelecer o melhor conjunto, sabemos que é contraproducente esperar das criações carnavalescas uma verossimilhança com a história e a historiografia. Ainda assim, a própria competição pressupõe que o enredo estabelecido tenha coerência quanto a sua estrutura e os elementos apresentados. É por isso que a lógica da hibridação pode ser concebida dentro do processo de criação do mesmo, visto que ali se fundem camadas culturais e narrativas a fim de criar algo novo:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico.<sup>14</sup>

Assim, entendemos que a apropriação de elementos culturais mesoamericanos apresentados pela escola de Niterói acontece por uma lógica cronológica, onde a possibilidade de utilizar-se de eventos históricos é grande, o que leva os carnavalescos a apostarem em uma ordem temporal.<sup>15</sup> Além disso, os grandes povos antigos do México acabam postulando como inescapáveis temas ao se abordar um enredo que procure falar sobre o país. Mesmo que o desfile seja iniciado com obras de Frida Kahlo e Diego Rivera, despontando a lógica presente

---

<sup>13</sup> CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Introdução à edição de 2001 - As culturas híbridas em tempos de globalização. Edusp, São Paulo. (1997) 2008. p. XIX.

<sup>14</sup> CANCLINI, N. G. op. cit. p.XXII

<sup>15</sup> A escolha de uma narrativa “apenas de uma simples perspectiva histórico-geográfica”, levou a escola a ser descontada pelo jurado de enredo Flávio Freire Xavier.

no título, “*o paraíso das cores*”, a partir do segundo setor segue-se uma lógica tradicional de narrativa seguindo a perspectiva do tempo histórico. O carnavalesco, Edson Pereira, afirma em entrevista que o início do desfile buscava sair do óbvio, “Nós abrimos o carnaval falando das cores, para a gente ter subsídio e mostrar nossa proposta. Seria muito óbvio começar falando de civilizações.”<sup>16</sup>

Essa quebra da cronologia pressuposta no início com a apresentação de duas figuras públicas mexicanas não consegue obter o resultado esperado, visto que no julgamento do enredo pelo menos dois julgadores apontam a linearidade do desenvolvimento. Flávio Xavier diz: “argumento com uma abordagem narrativa linear para desenvolver seus sub-temas”<sup>17</sup> e Pérsio Gomyde Brasil que o “enredo desenvolvido de forma linear e previsível, sob ótica documental carecendo de uma abrangência mais ousada”.<sup>18</sup> Ou seja, ainda que a “cabeça”<sup>19</sup> da escola tenha sido montada de forma a surpreender, o conjunto subsequente manteve uma linearidade. A agremiação não foi a única a sofrer com a tensão entre o enredo cronológico e a criatividade esperada do carnaval, a Unidos do Porto da Pedra, que apresentava no mesmo ano o enredo “*Com que roupa... Eu vou? Pro samba que você me convidou*” foi punida em 4 décimos em Enredo pelo julgador Elizeu de Miranda Corrêa pois teve o “enredo cronológico, apresentado de forma linear, poderia ter sido mais ousado e criativo até porque a temática sugere à isso.”<sup>20</sup>

Na mesma entrevista ao portal Srzd, Edson Pereira afirma, “Falar do México não daria um enredo, mas sim vários”.<sup>21</sup> Isto porque na própria construção dos setores do desfile, perceptível pela divisão de carros alegóricos, é visível uma miscelânea de elementos artísticos e momentos históricos e políticos que são tão plurais que podem acabar gerando um desentendimento nos espectadores. Não à toa, a escola sofreu bastante com o julgamento do quesito como vemos na justificativa do julgador Johnny Soares: “A realização ficou

---

<sup>16</sup> CAVEIRAS ‘mexicanas’ para celebrar o Dia dos Mortos no desfile da Viradouro. Portal SRZD. Disponível em:

<<https://www.srzd.com/carnaval/caveiras-mexicanas-para-celebrar-o-dia-dos-mortos-no-desfile-da-viradouro/>> Publicado em: 06/01/2010. Acesso em: 26/07/2022.

<sup>17</sup> LIESA, Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/justificativa-dos-jurados.html>> Acesso em: 26/07/2022.

<sup>18</sup> *ibid.*

<sup>19</sup> Nomenclatura geralmente utilizada para fazer referência ao conjunto inicial da escola, formado geralmente pela comissão de frente até o carro alegórico abre-alas.

<sup>20</sup> LIESA, Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados. **op. cit.**

<sup>21</sup> CAVEIRAS ‘mexicanas’ para celebrar o Dia dos Mortos no desfile da Viradouro. Portal SRZD. Disponível em: <<https://www.srzd.com/carnaval/caveiras-mexicanas-para-celebrar-o-dia-dos-mortos-no-desfile-da-viradouro/>> Publicado em: 06/01/2010. Acesso em: 26/07/2022.



desproporcional e excessiva, denotando confusão.”<sup>22</sup> As cores presentes no título do enredo não conseguiram fazer jus ao preceito de linha narrativa e a arte pouco apareceu no conjunto apresentado, que - como já citado anteriormente em passagens de justificativas - ficou demasiadamente “histórico-geográfico”.

O processo de hibridação de temas que é comum ao carnaval - onde figuras históricas anacrônicas podem se encontrar em um mesmo elemento cenográfico sem causar quebra do entendimento ou gerar prejuízo ao tema, ao mesmo tempo que facilitem a leitura de um enredo suposto - ficou claramente prejudicada pela escolha carnavalesca em uma narrativa cronológica que buscou apresentar o México de maneira grandiosa a partir do luxo e possibilidade artística que um desfile carnavalesco permite. Essas alternativas de choque histórico que ocorrem em desfiles podem ser encontradas em outras agremiações no mesmo ano, a Mocidade Independente de Padre Miguel apresentou um enredo sobre o paraíso onde a concepção religiosa obviamente era presente, mas conviveu com a perspectiva consumista/capitalista do mesmo. A agremiação campeã da competição de 2010, Unidos da Tijuca, tinha como enredo “*É segredo!*” e apresentou um desfile que nada tinha de cronológico, onde o conceito era quem guiava a narrativa apresentada em diversas temporalidades e temas relacionados.

### **A produção de um enredo e um desfile: diversos graus de representação**

Carnavalescos geralmente se utilizam de um amplo material de pesquisa para a produção dos enredos. É importante lembrar que o enredo é a base para a formulação do que é gerado posteriormente. É justamente na falta da conexão entre as ideias iniciais e argumentos possíveis, com o resultado apresentado, que repousam os principais erros que levam as agremiações a perderem pontos em seus desfiles. Dado que as sinopses raramente são de conhecimento geral, sendo majoritariamente utilizadas como base para a composição do samba de enredo e para debates especializados em Carnaval, além de serem base para o julgamento do quesito enredo durante a apuração, esse ponto ganha mais peso para a questão de análise do contexto.

Em diversos momentos, as agremiações abordam temáticas mais reconhecidas pelo público geral e acabam adaptando-as de maneira incomum na avenida gerando uma compreensão mais difícil, ou, dependendo da abordagem, um processo de carnavalização

---

<sup>22</sup> LIESA, Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/justificativa-dos-jurados.html>> Acesso em: 26/07/2022.

ainda mais complexo onde o resultado é algo totalmente novo e impossível de ser entendido fora do contexto do desfile. Podemos exemplificar esse processo com o enredo que levou a mesma Unidos do Viradouro ao seu primeiro título do Grupo Especial em 1997. Em “*Trevas! Luz! A explosão do Universo*”, Joãosinho Trinta relacionava a questão científica do big bang com a estética da contradição entre o branco e o preto usando o termo “explosão” como elemento de ligação para a ideia de alegria no carnaval.<sup>23</sup> Ali, uma questão científica pouco relacionável com o ambiente carnavalesco ganhava uma forma compreensível ao ser representada no choque de cores e no uso notável do preto para demarcar a perspectiva do “vazio” no início do universo.

**Imagem 2: Abre-Alas da Unidos do Viradouro em 1997.**



LEONI, Ricardo. In. Acervo O Globo, Foto de 10/02/1997. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/carnavais-do-sambodromo-20970598>>. Acesso em: 02/10/2022.

A sinopse da Viradouro em 2010 apresenta um detalhamento que explica os setores da escola, é assim que conseguimos perceber exatamente o trecho que faz referência aos povos pré-colombianos:

Nas antigas lições do passado, agregar o valor das memórias, de fábulas de lutas e glórias. Fazer florescer, em meio às sombras, cidades dos sonhos. "Lugar onde se fazem os Deuses"... Relembrar o resplandecer dos templos sagrados de Deuses agrários, das pirâmides do sol e da lua, dos palácios bordados com pedras de jade e

<sup>23</sup> TREVAS! Luz! A explosão do Universo. In. *Brasiliana: A divulgação científica no Brasil*. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=105&sid=20#:~:text=O%20carnavalesco%20Jo%C3%A3osinho%20Trinta%20deu,momento%20numa%20explos%C3%A3o%20de%20alegia.>> Acesso em: 27/08/2022.

turquesa, perdidos no crepúsculo do findar de mitos e crenças, do legado ceifado pelas mãos do invasor.<sup>24</sup>

Observando o desfile em questão percebemos que o primeiro setor se encontra da comissão de frente até o carro abre-alas, que reproduz um quadro do artista mexicano Diego Rivera. Por uma escolha narrativa, os carnavalescos utilizam o artista e Frida Kahlo, para abrir o desfile, posteriormente, voltando na linha temporal para os povos pré-colombianos e ameríndios no segundo setor que vai até o terceiro carro onde a figura do conquistador Hernán Cortés é a principal. Essa escolha pode gerar uma quebra de compreensão em quem assiste o desfile de maneira mais despreziosa, já que elementos contemporâneos que marcam a ideia de um México plural, que é o que os carnavalescos trazem com Rivera, são chocados em poucas alas com a riqueza da terra, muito ligada aos povos pré-colombianos.

**Imagem 3: Visão aérea da ala um: Maias “Aqueles que Cultivam o Milho”, o Cereal Sagrado, logo atrás de um detalhe da alegoria abre-alas a “criação”, a mistura das raças e as cores da vida, e a frente da ala 02, Chaac “deus da chuva, a benção que vem dos céus”.**



MOTTA, Fábio. In. Estadão, Fotos, desfile da escola de samba Viradouro 2010. Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,desfile-da-escola-de-samba-viradouro,10690,265828:>> Acesso em: 26/08/2022.

A primeira ala após o abre-alas é *Maias “Aqueles que Cultivam o Milho”, o Cereal Sagrado*, onde se reforça o papel desse alimento para o desenvolvimento da região. Como

<sup>24</sup> SCHALL, J.; PEREIRA, E. México, o paraíso das cores, sob o Signo do Sol (sinopse); Unidos do Viradouro - 2010. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-do-viradouro/2010/>> Acesso em: 17/01/2020.

visto na imagem, há um rompimento entre o estilo de representar o país - que passa pelos artistas contemporâneos que marcam o primeiro setor - com a chegada de fantasias que apostam em plumas e acabamentos que passam a ideia de vegetação. O visual apela para dualidade entre indígenas e ecossistema, onde as divindades da região são caracterizadas pelos seus atributos relacionados à natureza e ao meio ambiente..

No México existe uma forte ligação entre as populações indígenas e o trabalho agrário no campo, porém, no desfile da Viradouro essa conexão é posta de maneira essencialista, ao apresentar povos originários apenas no momento inicial, reforçando a ideia de que estariam ultrapassados ou estagnados no tempo. Isso se dá por conta de uma perspectiva que idealiza mesoamericanos como agricultores, além da aposta dos carnavalescos em defender a defasada suposição do “crepúsculo maia”,<sup>25</sup> no qual os próprios povos da região de Yucatán teriam sido os responsáveis pelo enfraquecimento da riqueza regional. León-Portilla nos ajuda a entender que o processo que leva ao fim do domínio Maia é bem mais complexo. A ideia de que a agricultura mal planejada levaria ao fim de terras férteis não se encaixa com processos políticos e culturais muito mais complexos que desestruturaram diversos grupos indígenas do período clássico da Mesoamérica.

Los intentos de explicar lo que ocurrió a los mayas [...] en general, a los que dieron origen y promovieron la civilización durante el período Clásico, son todavía meras hipótesis. La decadencia y el abandono de las magníficas metrópolis antiguas, entre los siglos VII y X, se produjeron probablemente de formas distintas. [...] En el caso de los centros mayas, parece como si hubiese llegado un momento irrevocable, cuando los sacerdotes dejaron de erigir más estelas. Entonces, quizá durante un cierto período, las ciudades antiguas empezaron a quedar desiertas gradualmente. [...] Sería difícil probar que esto se debió a un cambio climático brusco y generalizado, a un colapso de la agricultura o a epidemias universales.<sup>26</sup>

Ainda que o historiador mexicano promova aqui a defesa de que o momento derradeiro dos povos do período clássico seja motivado por questões pouco claras, a escolha narrativa da agremiação é contrária. Pelo menos três alas em sequência, no segundo setor, representam a derrocada do poder agrário dos Maias, na ala 06 - *O Crepúsculo Maia* - é dito que se representa “a super exploração que tornou a terra improdutiva”.<sup>27</sup> Na sétima ala, *Em Meio às Sombras, o Fim da Vida*, temos que o “período de fome e o surgimento de diversas

<sup>25</sup> O termo, inclusive, é utilizado para nomear a ala 06. Ver LIESA. **Abre-Alas Carnaval 2010, Domingo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2010. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/>>. Acesso em: 20 Nov. 2022. G.R.E.S.U. do Viradouro. Ficha Técnica das Fantasias. p. 161.

<sup>26</sup> LEÓN-PORTILLA, M. Mesoamérica antes de 1519 (Capítulo 1). In: BETHELL, L. (org.) **História da América Latina: América Latina Colonial** (Volume 1). São Paulo: Edusp, 1997. p. 14.

<sup>27</sup> LIESA. **op. cit.** p. 161.

epidemias fizeram nascer a visão aterrorizante da destruição”.<sup>28</sup> Na ala 08, *Secam os Sonhos, Morre a Floresta*, os carnavalescos afirmam que “os Maias desmataram grandes parcelas da floresta, explorando sua essência, transformaram-na em cerrado.”<sup>29</sup>

O processo criativo que podemos acompanhar nessas alas é um exemplo claro da hibridação cultural. A agremiação se apropria de um discurso onde os povos da Mesoamérica são protagonistas, porém, mantém o essencialismo da conexão com a natureza e da simplificação da experiência indígena à dor, pensamento relacionado à experiência colonial. Dessa forma, a narrativa passa por pontos que tentam elencar a importância dos povos que habitavam a região, porém, continua a se render aos discursos comumente encontrados na sociedade contemporânea.

Há ainda uma quebra de sentidos entre as alas 08, *Secam os sonhos, morre a floresta*, e a 09, *Cortés, o “deus loiro”, invasor*. Isso porque os carnavalescos optam pela ideia de que todos os povos mesoamericanos no desfile estejam integrados, sem nenhum rompimento direto entre Maias, habitantes da região da península de Yucatán, e Mexicanas, da região central. É uma opção que vincula povos diferentes sob a mesma égide do “pré-colombiano”, saindo da desolação maia pela tragédia agrícola de maneira rápida para o processo de conquista do país pelos invasores europeus, promovendo a ideia de que seriam a mesma coisa, ou teriam a mesma gravidade. É uma narrativa que propõe uma leitura simples do setor onde os momentos de derrocada de todos os povos ameríndios são culminados na chegada do comandante espanhol Hernán Cortés, destaque do terceiro carro alegórico que está metaforicamente e artisticamente fundido com um escorpião, a fim de deixar clara a perspectiva do perigo que o mesmo e a colonização apresentavam.

---

<sup>28</sup> *ibid.*

<sup>29</sup> *ibid.*



**Imagem 4: Visão aérea do setor 3 da escola, constam as alas 07, 08, 09 e 10 e ao fundo o terceiro carro: Nas sombras da dor o invasor.**



DIAS, Fernando. Desfile completo carnaval 2010 - Unidos do Viradouro. YouTube, 21 Nov. 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_w8iHV9X44&t=2714s](https://www.youtube.com/watch?v=Y_w8iHV9X44&t=2714s)>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

A caracterização do conquistador como escorpião acontece porque o mesmo “crava suas garras em solo asteca, fazendo que sangue a terra.”<sup>30</sup> Ao mesmo tempo, a ala anterior que representa o mesmo espanhol é justificada com um erro habitual de senso comum, ao defender que Montezuma - o tlatoani (imperador) dos mexicas - teria previsto a chegada de Cortés e por isso o recebeu de maneira honrosa. Podemos ver em: “em profecias e sinais, o imperador Montezuma II, viu a chegada do “Salvador”, Hernán Cortés, o opressor.”<sup>31</sup> A perspectiva é colocada no próprio nome da fantasia, “deus loiro”, que reforça a ideia de que os indígenas teriam confundido os navegadores com seres divinos, o que Matthew Restall chama de o “mito do conquistador branco.”<sup>32</sup>

<sup>30</sup> LIESA. **Abre-Alas Carnaval 2010, Domingo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2010. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/>>. Acesso em: 20 Nov. 2022. G.R.E.S.U. do Viradouro. Ficha Técnica das Alegorias. p 155.

<sup>31</sup> *ibid.* p. 162.

<sup>32</sup> Ver RESTALL, M. Guerreiros Invisíveis: O mito do conquistador branco (capítulo 3). *In.* RESTALL, M. **Sete Mitos da Conquista Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

**Imagem 5: Alegoria 3, representando Cortés como um escorpião e destaques.**



MOTTA, Fábio. *In*. Estadão, Fotos, desfile da escola de samba Viradouro 2010. Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,desfile-da-escola-de-samba-viradouro,10690,265828>> Acesso em: 26 Ago. 2022.

Como é afirmado por Chartier, a cultura é definida pelos grupos de poder da sociedade, tal qual as representações que só serão legitimadas se respeitarem os códigos determinados.<sup>33</sup> Essa perspectiva nos auxilia no entendimento das escolhas feitas pelos carnavalescos ao determinarem uma Mesoamérica limitada às questões naturais e ao monumentalismo, finalizada na figura imponente de um conquistador deificado em narrativas coloniais. O processo de hibridação cultural encontrado no desfile carnavalesco cria novas possibilidades de interpretação e de olhares sobre as populações ameríndias, mas parte inconsequentemente de fontes que se estabelecem em uma história oficializada e que não valoriza a perspectiva dos povos originários.

O texto que apresenta a sinopse do enredo apresenta apenas definições que perpassam os povos mesoamericanos de maneira geral, os dois carnavalescos deixam explícita que a visão do enredo sobre essas populações é superficial, um artifício narrativo de quem buscou abarcar toda a pluralidade dos acontecimentos históricos ocorridos em solo mexicano ao mesmo tempo que os transforma em material carnavalesco. Essas populações antigas - geralmente visadas como ponto de partida da História do México - tornam-se anteparo narrativo para uma caminhada histórica sem mergulhos profundos em que casos como o da exploração pirata na costa após a conquista espanhola ganham uma atenção por parte do desfile e da sinopse que os coloca em pé de igualdade em relação à séculos de domínio de

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. *op. cit.* p. 61.

maias e astecas naquele território. O histórico e a justificativa do enredo, textos que também estão presentes na ficha técnica do desfile, tampouco se aprofundam nessas diferenciações.

A única civilização pré-colombiana a ser citada de forma direta na sinopse é a da cidade de Teotihuacán, ao ser chamada de “Lugar onde se fazem os deuses”, apelido que os autores escolhem recolher com base na bibliografia de apoio.<sup>34</sup> Acreditamos que a escolha dos carnavalescos foi utilizar o forte imaginário sobre as divindades pré-colombianas e a relação dos antigos templos com o ouro para compor os carros alegóricos do setor responsável por tratar dessas sociedades.

É exatamente esse processo que podemos observar no segundo carro alegórico da agremiação, o primeiro do setor responsável pelos povos mesoamericanos. As esculturas que representam a serpente emplumada são generalistas e escolhem uma forma de representação que determina claramente que para o enredo os povos que habitavam o México antigo eram uma unidade. Existe uma narrativa visual que entrega elementos comuns ao pensamento regional da Mesoamérica, como o sol ao meio da alegoria e os “queijos” - onde se sustentam as pessoas em destaque - em formato de trapézio, lembrando as bases de pirâmides.

### **Imagem 6: Carro alegórico 2 - Sob o signo do sol**



DIAS, Fernando. Desfile completo carnaval 2010 - Unidos do Viradouro. YouTube, 21 Nov. 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_w8iHV9X44&t=2714s](https://www.youtube.com/watch?v=Y_w8iHV9X44&t=2714s)>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

---

<sup>34</sup> Material este, com pouco apelo historiográfico, contando com dois livros de apoio para o trato do período pré-colombiano: *Teotihuacan: City of Gods* de Jorge Angulo e *Enigma dos Maias* de P. O. Guirao.



No segundo carro alegórico, representando o esplendor das construções pré-colombianas, nós encontramos uma leve similaridade com a alegoria abre-alas da Unidos da Vila Isabel em 2006, ano em que a escola foi campeã cantando a latinidade e apostou justamente em uma perspectiva pré-colombiana para abrir o seu desfile. Ambos possuem serpentes na cor dourada, ainda que a alegoria de 2006 seja bem mais forte nessa cor, e apostam em torres também douradas ao redor da alegoria. Um dos carnavalescos da escola de Niterói, Júnior Schall, fazia parte da azul e branca no título de 2006. Apesar de, no livro abre-alas da Viradouro em 2010, Edson Pereira e seu parceiro constarem como autores do enredo e da sinopse, o site da LIESA coloca Alex de Souza; Alex Varela, historiador, e Martinho da Vila como autores da vermelha e branca, e a dupla de carnavalescos apenas com a autoria da sinopse.<sup>35</sup> O erro é ainda mais questionável se lembrarmos que o trio é o mesmo que detém a autoria do enredo campeão da escola do Morro dos Macacos.

**Imagem 7: Carro abre-alas da Unidos de Vila Isabel em 2006.**



FROTA, Wigger. Da série “Escolas de Samba do Rio de Janeiro” Unidos de Vila Isabel 2006. 27 Fev. 2006.

Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados\\_do\\_Carnaval\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_em\\_2006#/media/Ficheiro:Unidos\\_de\\_Vila\\_Isabel\\_2006\\_-\\_Wigger\\_Frota.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados_do_Carnaval_do_Rio_de_Janeiro_em_2006#/media/Ficheiro:Unidos_de_Vila_Isabel_2006_-_Wigger_Frota.jpg)>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

<sup>35</sup> LIESA, Memória, outros carnavais: Unidos do Viradouro - 2010. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/viradouro/enredo.html>>; Acesso em: 29/08/2022.

### **A sinopse do enredo como disputa entre olhares para a história dos povos ameríndios mesoamericanos.**

Na sinopse, onde encontramos a bibliografia para a escrita do enredo, as obras utilizadas como ponto de partida para se adaptar a história de povos pré-colombianos não são escritas por algum historiador. O livro de Jorge Angulo<sup>36</sup> é de natureza fotográfica e serve como base para pesquisa estética do desfile. Portanto, é justificável a inspiração dos carnavalescos em ter uma pirâmide em seu segundo carro que representa os povos pré-colombianos de maneira geral. As serpentes que cercam o carro e se projetam na frente tem a cor dourada e tem forma próxima às estátuas que geralmente eram encontradas em templos teotihuacanos. Essas serpentes emplumadas no carro são referências diretas ao deus mesoamericano Quetzalcoatl que também tem uma ala em sua homenagem, a de número 05, “*a serpente das serpentes*”.

O que é marcante é a abordagem, que consiste em uma visão de ameríndios atemporais dentro de suas próprias lógicas. Na obra de Miller e Taube, Quetzalcoatl só começa a ser relacionado com Tlaloc; deidade das chuvas e trovões; durante o período Pós-Clássico Tardio<sup>37</sup> (1200-1532), enquanto que os Teotihuacanos viviam na Mesoamérica em outro período, o Clássico<sup>38</sup> (300-900). Portanto compreendemos que talvez a figura da divindade seja limitada à sua ligação com a terra e com as causas de fertilidade, tão importantes para povos de origem e base agrária. Ou seja, o Quetzalcoatl do desfile é uma figura que não muda durante os séculos em que se passa a história dos mesoamericanos, sendo um dos “deuses agrários” citados na sinopse e nada mais.

Como vemos na passagem da obra *An Illustrated Dictionary Of The Gods And Symbols Of Ancient Mexico and the Maya* alguns povos como os de Teotihuacan poderiam ter uma visão de Quetzalcoatl ligado especificamente a necessidades rurais e agrárias como a fertilidade dos campos: “Modern Pueblo peoples of the American Southwest identify a plumed serpent with water. Like Quetzalcoatl, the Zuni Kolowisi, and the Hopi Palulukong plumed water serpents can bring abundance and fertility”.<sup>39</sup> Além do deus da serpente

<sup>36</sup> Ver ANGULO, Jorge. **Teotihuacan: City of the gods**. Firenze- FI - ITA: Casa Editrice Bonechi, 1998.

<sup>37</sup> Balizas temporais de acordo com livro de Miller e Taube, sendo o período Pós-Clássico Tardio da Mesoamérica classificado da ascensão dos astecas até a queda para os espanhóis.

<sup>38</sup> Momento em que os Teotihuacanos dominavam a Mesoamérica, em que os Maias apenas iniciavam seu crescimento na península de Yucatán.

<sup>39</sup> MILLER, Mary; TAUBE, Karl. **An Illustrated Dictionary Of The Gods And Symbols Of Ancient Mexico and the Maya**. Nova York: Thames and Hudson, 1993. p. 141.

emplumada, outra divindade ligada à água aparece no momento inicial do desfile, Chaac, representado na ala 02: *Chaac “deus da chuva, a benção que vem dos céus.”*

O livro de P. Guirao, por consequência, é uma ficção, sem nenhum apego ao compromisso historiográfico. Não que seja o problema aqui, onde já deixamos estabelecido a liberdade criativa da narrativa carnavalizada, porém, intentamos compreender as consequências das escolhas feitas pela narrativa do desfile. Assim sendo, a falta de compromisso historiográfico da bibliografia base do desfile é essencial para compreendermos que os pontos de partida do que foi apresentado na Sapucaí não tem a possibilidade de apresentar um solo firme quanto ao discurso histórico oficial ou revisionário sobre os povos mesoamericanos e ameríndios.

Dito isto, reparamos em palavras como “fábulas” e “mitos” para dar conta de acontecimentos passados durante o período em que a região era dominada por civilizações ameríndias. Ainda no primeiro parágrafo em que trata do setor voltado para esse período histórico, a sinopse marca o objetivo de se aprender lições com o passado. Fazendo uma ponte com o conteúdo observado no desfile, principalmente nas alas que intercalam o segundo carro e o terceiro; existe uma entrega pouco idealizada do passado indígena, focando em um olhar voltado para uma história da terra, onde vitórias, derrotas e avanços se medem por meio das riquezas alcançadas no chão. Enquanto as riquezas como as “pedras de jade e turquesa” bordavam templos e a produção agrícola desenfreada destruía a floresta, os espanhóis viriam em busca dos metais preciosos e iniciaram um período de busca acirrada pelas riquezas da terra, que antes se resumiam ao milho.

A importância da agricultura colocada na passagem da sinopse, “relembrar o resplandecer dos templos sagrados de Deuses agrários” demarca a compreensão de que as divindades ameríndias eram apenas ligadas a práticas da terra. O texto, que é curto e não se aprofunda, escolheu uma característica comum aos povos que dominavam a região antes da chegada dos europeus e colocou essa representação em prática, de forma com que outros aspectos ficaram apagados na memória de quem visualiza o desfile.

### **Considerações Finais**

A abordagem escolhida pela dupla de carnavalescos da Unidos do Viradouro no enredo sobre o México tende a buscar uma perspectiva que mescla eventos históricos marcantes na História oficial do país, ao mesmo tempo que busca transformar elementos

centrais dessa narrativa em peças carnavalizadas. Apesar do louvável esforço nessa transposição de estilos narrativos, acompanhamos que, inclusive segundo justificativas de jurados do quesito enredo, a agremiação falhou em alcançar seu projeto discursivo ao cair em uma linha demasiadamente histórico-geográfica.<sup>40</sup>

As perspectivas observadas no desfile reforçam a complexidade do processo criativo carnavalesco, onde as hibridações culturais formulam exposições inovadoras com base no ideário cultural estabelecido. Canclini entende que o ambiente latino americano, por conta de sua efervescência de choques causados pela colonização é o ideal para isto. Aqui, pudemos visualizar o como o carnaval elabora criações, frutificadas nesse ambiente de disputa narrativa e social que é a sociedade herdeira dos processos coloniais.

Acreditamos que no sentido da análise histórica, o desfile da escola de Niterói seja interessante para partirmos em uma lógica que desconstrua os chamados "mitos da conquista espanhola".<sup>41</sup> Em diversos momentos do cortejo e nos documentos utilizados como base para o seu feitiço podemos observar a repercussão de idealizações há muito questionadas, além de uma simples adaptação artística e estilística da narrativa oficializada. O processo aqui analisado projeta sobre os povos ameríndios da Mesoamérica uma lógica identitária fixa, resultado possível dos processos criativos relacionados ao fenômeno de hibridação cultural. As lógicas que fazem surgir novas leituras sobre a realidade e a cultura não necessariamente deixam de hibridar algo, ou apagam as visões anteriores.<sup>42</sup> Dito isto, apesar de o enredo produzir um olhar novo sobre o México e seus povos pré-coloniais, ele ainda assim carrega noções do que é tradicional.

Não pretendemos julgar as escolhas de cunho carnavalesco dos dois profissionais responsáveis pelo setor criativo da agremiação em 2010, porém, cremos que o processo de carnavalização pelo qual o tema mesoamericano, incluso no enredo mais geral, o México, foi feito de maneira enfraquecida. Essa abordagem com pouco embasamento pode ser entendida ao se recorrer às bases utilizadas para a construção do desfile, majoritariamente artísticas e pouco aprofundadas quanto às características dos povos ameríndios que compreendiam uma parte significativa do segundo setor da agremiação. Ademais, historiograficamente, pode se observar uma sequência de lógicas que precisam ser superadas, restando assim a possibilidade

---

<sup>40</sup> LIESA, Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados. **op. cit.**

<sup>41</sup> RESTALL, M. **Sete Mitos da Conquista Espanhola**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.

<sup>42</sup> "Outra das objeções formuladas ao conceito de hibridação é que pode sugerir fácil integração e fusão de culturas, sem dar suficiente peso às contradições e ao que não se deixa hibridar." CHARTIER, R. **op. cit.** p.XXV.

de olhar para o conjunto produzido como ponto de partida a fim de questionar em que ponto se encontram os conhecimentos acerca dessas populações no senso comum.

### **Bibliografia**

ALMEIDA JESUS, A. C. *Carnaval e "a história que a história não conta"*: uma análise dos sambas de enredo. *Licere*, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 153-192. mar/2020.

ANGULO, Jorge. *Teotihuacan: City of the gods*. Firenze- FI - ITA: Casa Editrice Bonechi, 1998.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, (1997) 2008.

CAVEIRAS ‘mexicanas’ para celebrar o Dia dos Mortos no desfile da Viradouro. Portal SRZD. Disponível em:

<<https://www.srzd.com/carnaval/caveiras-mexicanas-para-celebrar-o-dia-dos-mortos-no-desfile-da-viradouro/>> Publicado em: 06/01/2010. Acesso em: 26 Jul. 2022.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 2ª edição, 2002.

DIAS, Fernando. *Desfile completo carnaval 2010 - Unidos do Viradouro*. YouTube, 21 Nov. 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_w8iHV9X44&t=2714s](https://www.youtube.com/watch?v=Y_w8iHV9X44&t=2714s)>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

FROTA, Widger. *Da série “Escolas de Samba do Rio de Janeiro” Unidos de Vila Isabel 2006*. 27 Fev. 2006. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados\\_do\\_Carnaval\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_em\\_2006#/media/Ficheiro:Unidos\\_de\\_Vila\\_Isabel\\_2006\\_-\\_Widger\\_Frota.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados_do_Carnaval_do_Rio_de_Janeiro_em_2006#/media/Ficheiro:Unidos_de_Vila_Isabel_2006_-_Widger_Frota.jpg)>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

LEÓN-PORTILLA, M. *Mesoamérica antes de 1519 (Capítulo 1)*. In. BETHELL, L. (org.) *História da América Latina: América Latina Colonial (Volume 1)*. São Paulo: Edusp, 1997.

LIESA, *Memória, Outros Carnavais - Carnaval 2010: Justificativas dos jurados*. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/justificativa-dos-jurados.html>> Acesso em: 26/07/2022.

LIESA. *Abre-Alas Carnaval 2010, Domingo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2010. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/>>. Acesso em: 20 Nov. 2022.

MELLO, Marcelo de. *Perdeu o título, ganhou a história: a visão dos derrotados*.

<<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/perdeu-titulo-ganhou-historia-18454713#ixzz6K0CRbf4V>> O Globo, 29 Jan. 2016. Foto de Otávio Magalhães, agência O Globo.

MILLER, Mary; TAUBE, Karl. *An Illustrated Dictionary Of The Gods And Symbols Of Ancient Mexico and the Maya*. Nova York: Thames and Hudson, 1993.

MOTTA, Fábio. *In. Estadão, Fotos, desfile da escola de samba Viradouro 2010*. Disponível em:

<<https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,desfile-da-escola-de-samba-viradouro,10690,265828>> Acesso em: 26 Ago. 2022

NÓBREGA, Nelson F. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*, Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Coleção Memória Carioca, Vol. 3. 2001.

O CARRO abre-alas da Viradouro em 2020 foi o maior da história da agremiação com 50 metros de comprimento e 13 metros de altura. Disponível em:

<[https://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2020/01/5854565-viradouro-tera-o-maior-abre-alas-de-sua-historia-neste-carnaval.html#:~:text=Rio%20%2D%20A%20Viradouro%20vai%20mostrar,um%20pr%C3%A9dio%20de%20quatro%20andares](https://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/2020/01/5854565-viradouro-tera-o-maior-abre-alas-de-sua-historia-neste-carnaval.html#:~:text=Rio%20%2D%20A%20Viradouro%20vai%20mostrar,um%20pr%C3%A9dio%20de%20quatro%20andares.)> Publicado em: 18/01/2020. Acesso em: 09/06/2020.

REGULAMENTO específico dos desfiles da escola de samba do grupo especial da LIESA. Carnaval de 2010. Título II: Das obrigações das escolas de samba e demais recomendações. Artigo 26, Inciso VII. Disponível em:

<<http://liesa.globo.com/memoria/outros-carnavais/2010/>>. Acesso em 26/08/2022.

REGULAMENTO específico dos desfiles da escola de samba do grupo especial da LIESA. Carnaval de 2022. Título II: Das obrigações das escolas de samba e demais recomendações. Artigo 26, Inciso VII. Disponível em:

<<https://liesa.globo.com/downloads/carnaval/regulamento-2022>>. Acesso em: 26/08/2022.

RESTALL, M. *Guerreiros Invisíveis: O mito do conquistador branco (capítulo 3)*. *In. RESTALL, M. Sete Mitos da Conquista Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SCHALL, J.; PEREIRA, E. *México, o paraíso das cores, sob o Signo do Sol* (sinopse); Unidos do Viradouro - 2010. Disponível em:

<<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/unidos-do-viradouro/2010/>> Acesso em 17/01/2022.

TREVAS! Luz! *A explosão do Universo*. *In. Brasiliana: A divulgação científica no Brasil*. Disponível em:

<[http://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=105&sid=20#:~:text=O%20carnavalesco%20Jo%C3%A3osinho%20Trinta%20deu,momento%20numa%20explos%C3%A3o%20de%20alegria](http://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=105&sid=20#:~:text=O%20carnavalesco%20Jo%C3%A3osinho%20Trinta%20deu,momento%20numa%20explos%C3%A3o%20de%20alegria.)> Acesso em: 27/08/2022.

Data de submissão: 16/09/2022

Data de aprovação: 20/10/2022